

Ética e jornalismo: um estudo de caso na veiculação de notícias sobre suicídio no Amapá

Anita Flexa RODRIGUES¹
Karina Michelle dos Santos LINS²
Paulo Vitor Giraldi PIRES³

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, AP

Resumo: O presente artigo, cujo o título é “Ética e jornalismo: um estudo de caso na veiculação de notícias sobre suicídio no Amapá” tem por objetivo analisar o contexto atual de notícias veiculadas pelo site ‘selesnafes.com’, a falta dos critérios de noticiabilidade e éticos que não estavam presentes nas matérias ‘Homem mata ex-esposa e comete suicídio’ e ‘Um salto para a morte’ e as medidas preventivas que o poder público está providenciando. Este projeto a realização de pesquisa bibliográfica e análises teóricas de Baudrillard (1996), Cornu (1998), Grando (2010), Kucinski (2004), entre outros. A divulgação dos casos de suicídio é um tema difícil o que precisa ser refletido perante o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, avaliando e vedando a veiculação de informações desnecessárias e de caráter pessoal da vítima, além de citar detalhes do ocorrido e ‘incentivar’ outros possíveis suicídios. No Amapá, a maioria das publicações ao reportarem esse tipo de caso, não respeitam a identidade da vítima, seus familiares e outros dados que se tornam interessantes para o público. Espera-se que esta pesquisa seja um alerta aos profissionais de jornalismo e à comunidade acadêmica sobre como proceder ao noticiar uma matéria de suicídio dentro das diretrizes deontológicas do jornalismo, com respeito e moderação ao veicular os fatos, além de divulgar os dados estaduais de como as matérias tem um grande impacto social.

Palavras-chave: Jornalismo; Suicídio; Noticiabilidade; Prevenção.

Abstract: This article, whose title is "Ethics and journalism: a case study in the publication of news about suicide in Amapá", aims to analyze the current context of news published by the site 'selesnafes.com', the lack of newsworthiness criteria and ethics that was not present in the stories 'Man kills

¹ Estudante de Graduação, 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá – Unifap, email: anita_rodrigues@hotmail.com.

² Estudante de Graduação, 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá – Unifap, email: karinalins2410@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com.

ex-wife and commits suicide' and 'A leap to death' and the preventive measures that the public power is providing. This project carried out bibliographic research and theoretical analysis of Baudrillard (1996), Cornu (1998), Grado (2010), Kucinski (2004), among others. Dissemination of suicide cases is a difficult topic that needs to be reflected before the Brazilian Journalists' Code of Ethics, evaluating and prohibiting the disclosure of unnecessary information and personal character of the victim, as well as citing details of what happened and 'encouraging' others possible suicides. In Amapá, most publications reporting this type of case do not respect the identity of the victim, their relatives and other data that are interesting to the public. This research is expected to be an alert to journalism professionals and the academic community about how to report suicide matter within journalistic deontological guidelines, with respect and moderation in reporting the facts, as well as disseminating state on how to have a great social impact.

Keywords: journalism; suicide newsworthy; prevention.

INTRODUÇÃO

Falar de suicídio não é fácil, mas não podemos deixar que esse tema se torne um tabu para a sociedade atual. Mas como falar sem ferir, gerar gatilhos e incitar essa auto violência? A verdade é que nenhum de nós está totalmente preparado para falar disso da maneira certa, especialmente os veículos de comunicação, que noticiam essas tristes fatalidades sem a mínima delicadeza ou respeito pela vítima ou por seus familiares. A mídia necessita ter uma cautela maior ao falar do tema sem gerar gatilhos para os que estão lendo ou vendo aquela matéria.

É comum a disseminação de notícias e casos de suicídio se espalharem rapidamente devido aos recursos presentes nas redes sociais, que vieram justamente pra tornar a troca de informação e conhecimento de um ponto a outro do mundo, mais fácil. Os internautas se tornaram os próprios detentores da informação e os meios de comunicação tradicionais como TV, rádio e impresso precisam se superar ao trazer a mesma informação atualizada e com mais detalhes, e é aí que a falta de ética acontece.

Com a pressa em trazer a informação em primeira mão e ainda inserido no aspecto convergente entre mídias sociais e tradicionais, os meios de comunicação fogem dos padrões éticos ao abordar com mais detalhes e informações dos casos de suicídio. Por isso, aponta-se que a mídia está entre os fatores de risco para o comportamento suicida.

Segundo BOTEGA (2014), suicídio está entre as três principais causas de morte de pessoas que têm de 15 a 44 anos de idade e para os registros da Organização Mundial de Saúde (OMS), o suicídio é responsável anualmente por um milhão de óbitos (o que corresponde a 1,4% do total de mortes). Entretanto esses dados não incluem as tentativas de suicídio, de 10 a 20 vezes mais frequentes que o suicídio em si (World Health Organization [WHO], 2014). E no estado do Amapá, esse índice só vem aumentando.

A Superintendência de Vigilância em Saúde do Estado do Amapá (SVS) emitiu um alerta epidemiológico onde divulgou dados alarmantes sobre as tentativas de suicídio no Estado, entre os anos de 2011 a 2018, 255 homens cometeram suicídio, em relação às mulheres foram contabilizados 61 casos, contabilizando 316 óbitos.

O primeiro questionamento que deve ser debatido é se a divulgação de uma notícia referente ao suicídio pode estimular outras pessoas de grupos similares a tirarem a própria vida. Embora o transtorno psiquiátrico seja uma dessas condições a serem debatidas, não necessariamente configura todos os casos. Em muitos outros, encontram-se relatos de pessoas que põem fim às suas vidas buscando eliminar alguns problemas, como brigas familiares, desilusões, e muitos outros que configuram o comportamento suicida.

Para isso, o presente artigo reuniu duas matérias do site selesnafes.com, intituladas como ‘Homem mata ex-esposa e comete suicídio’ e ‘Um salto para a morte’, para promover um estudo de caso relacionado à falta de ética jornalística ao noticiar os casos de suicídio de forma chula e sem respeito algum às vítimas e familiares dos envolvidos nos casos de suicídio com base no Código de Ética do Jornalista Brasileiro.

FATOS E ESPETÁCULO

Em pesquisa feita pelo banco de dados do Sistema Único de Saúde de informação estatística da Organização Mundial da Saúde (OMS), por ano, o estado do Amapá possui média de 10 suicídios por 100 mil pessoas. Em 2015 foram um total de 28 suicídios, 16 foram na capital. Desde o ano de 2005, a OMS ditou recomendações que ajudariam no combate ao suicídio. Em alguns municípios foram elaboradas políticas preventivas que instruem o combate e prevenção, pois os casos de suicídio não param de crescer.

Para Durkheim (1977), o suicídio é uma forma de manifestação individual de um fenômeno coletivo e que cada sociedade está predisposta a fornecer um percentual de mortes voluntárias, e que as razões para o ato seriam digeridas de forma individual, mas sempre de modo a refletir uma realidade social e local.

Segundo a metodologia econômica de Hamermesh e Soss (1974) sobre a questão do suicídio, constata-se fatores econômicos, como renda e emprego, são importantes para explicar a evolução do suicídio:

Deve-se salientar que existem diferenças importantes, para grupos distintos, nos determinantes do suicídio. Isto é, idosos costumam buscar o suicídio por razões diferentes das dos jovens, e o mesmo ocorre quanto às causas do suicídio feminino em relação ao masculino. A discussão faz sentido, uma vez que diferentes grupos de indivíduos reagem de forma diferente a cada um dos possíveis fatores motivadores ou indutores à decisão de se tirar a própria vida. (LOUREIRO, MOREIRA E SACHSIDA, 2013, p. 7).

Tendo em vista tais evidências, pode-se pensar que, em um estado como o Amapá, que lidera as estatísticas de suicídios a nível nacional, o descuido ao apresentar matérias como a que trazemos em análise, sobre o assunto pode gerar o chamado Efeito Werther. Em 1774, um livro chamado “Os Sofrimentos

do Jovem Werther” onde o protagonista tira sua vida por não conseguir ficar com sua amada, espalharam-se pela Europa, divulgando relatos de uma onda de suicídios de jovens que supostamente foram influenciados pelo livro.

Trazendo para o estudo de caso, ponto focal desta análise, vamos explanar duas matérias realizadas pelo portal Selesnafes.com em que, de forma antiética e totalmente sensacionalista, o site publicou duas matérias a respeito de crimes relacionados ao suicídio, trazendo fotos e manchetes altamente tendenciosas com desrespeito e sem seguir nenhuma das orientações da Cartilha da Organização Mundial da saúde e o código de Ética do Jornalista Brasileiro.

Trazendo para uma análise mais aprofundada do tema suicídio sem os critérios de noticiabilidade, como vamos falar a seguir das matérias veiculadas pelo site selesnafes.com, temos que falar também do imagético. Para Susan Sontag (1981) a fotografia fornece provas, pois determinada coisa de que ouvimos falar, mas que nos suscita dúvidas, parece-nos comprovada quando dela vemos uma fotografia, e justamente trazer a imagem do fato ocorrido durante o desenvolvimento da matéria ou como a própria foto de capa, sustenta aquilo que o repórter quis apresentar durante a apuração do que aconteceu.

Então não só o fato escrito deve estar presente na matéria, como também a imagem está ali para sanar possíveis dúvidas do público alvo. Além de a imagem representar o verídico e assegurar que aquele crime de fato aconteceu. E para criar uma espécie de ‘confiança’ entre repórter e o público deve-se estabelecer entre as duas partes uma relação de fazer-crer, de modo a colocar como realidade o discurso apresentado.

Figura 1º : “Homem mata ex-esposa e comete suicídio”



Fonte: www.selesnafes.com

A matéria publicada em dezembro de 2014 trás uma única foto, mostrando a atitude em local familiar, feita pela janela do quarto da vítima, a imagem tenta mostrar a intimidade das vítimas, pela ação do encontro de dois corpos em uma cama. Ainda sim mostrando também, um tiro que supostamente poderia ser no coração, como forma de finalizar o sofrimento por não ter um amor correspondido, visto que, o ato da morte da segunda vítima é finalizado ao

lado da primeira. As cores dessa vez vêm com tons medianos, que neste caso, dão ênfase as cores do sangue, onde fazem da foto, a prova para a espetacularização da atitude da segunda vítima.

Durante o desenvolvimento da notícia, percebe-se que o tom das palavras justificam o crime como passional, dando tons românticos por parte do autor da matéria, além de dar os mínimos detalhes como quem eram as vítimas, onde moravam, detalhando endereço e até o número da residência e a forma que o marido matou a ex-companheira. Nesse caso, têm-se a falta de respeito em anunciar o crime covarde sem preservar a identidade das vítimas ou a própria cena onde tudo aconteceu.

Figura 2: “Um salto para a morte”



Foto: autor desconhecido

Figura 2B): Morador tenta ajudar vítima que morreu na hora



Foto: foto enviada ao site selesnafes.com. Autor desconhecido

A foto apresentada vem acompanhada de tons frios, dando significado ao ato da vítima, o fato do simbolismo da morte não possuir cores vivas. Acompanhada também do que poderia ser tratado como foto autorizada, por conter a participação na imagem dos carros de autoridades civis, como Polícia Militar do Amapá (PMAP), Corpo de Bombeiros Militar do Amapá (CBM/AP), e Polícia Técnico Científica (POLITEC), e a faixa de limite para não passagem de pessoas não autorizadas.

Diante da segunda foto, agora temos o inverso. O corpo da vítima estendido ainda em local de suicídio, contendo as cores frias, que também remetem ao ato de luto, com pessoas que não poderiam está acessando o local, por serem leigas ou desconhecidas da vítima, dando assim vulnerabilidade para a ação e imagem da vítima, assim trazendo para o ocorrido dentro da imagem, como um espetáculo para quem passasse no local.

Uma das explicações utilizadas pela imprensa, abordada por GRANDO (2010) em seu artigo de opinião publicado no site observatóriodaimprensa.com, em seu estudo “Suicídio na pauta Jornalística”, justifica a publicação de notícias sobre suicídio sob o argumento da divulgação de conhecimento das causas que levam pessoas a cometerem este atentado à vida e também sobre a prevenção do mesmo. Segundo a autora:

Ao abordar o suicídio em suas páginas diárias, a imprensa também poderia contribuir oferecendo informações e incentivando um debate sobre como auxiliar pessoas com tendências suicidas, como superar a perda de uma pessoa querida por suicídio, como relações familiares e escolares podem influenciar crianças e adolescentes a pensarem em suicídio em decorrência de uma pressão social vinda dessas instituições que eles não conseguem suportar. (GRANDO, 2010).

Além disso, Grandó (2010) enaltece que apesar do grande desconforto que essas notícias provocam os jornais diariamente são alimentados com matérias sobre homicídios, latrocínios, estupros seguidos de assassinatos, não passam de um espetáculo, como cita Baudrillard (1996), a morte se transformou em um espetáculo através da mídia, mas não apenas por ela, mas ela trás uma necessidade inconsciente do leitor sobre cada detalhe do caso, e que anseia secretamente a destruição do outro indivíduo como espetáculo.

Se as motivações para o suicídio são diferenciadas dependendo do grupo em que a pessoa está inserida, faz-se necessário questionar determinantes do suicídio. Será que divulgação de matérias sobre suicídio incentiva determinado grupo a tentar tirar a própria vida? Em pesquisa feita por Loureiro, Moreira e Sachsida (2013) observa-se que o índice de mídia é o terceiro motivador do suicídio, depois do desemprego e violência.

Atualmente, é comum a disseminação de notícias e casos de suicídio se espalhar rapidamente devido aos recursos presentes nas redes sociais, que vieram justamente pra tornar a troca de informação e conhecimento de um ponto a outro do mundo mais fácil. Os internautas se tornaram os próprios detentores da informação e os meios de comunicação tradicionais como TV, rádio e impresso precisam se superar ao trazer a mesma informação atualizada e com mais detalhes, e é aí que a falta de ética acontece.

A liberdade de imprensa - A vocação primeira do profissional da mídia, quaisquer que sejam suas outras funções, é exercer a liberdade de comunicar para informar os homens de suas observações sobre o mundo à sua volta. Esta liberdade é um dos direitos humanos ditos absolutos porque correspondem a necessidades vitais. Sem comunicação, não há sociedade, logo não há sobrevivência prolongada do indivíduo. (BERTRAND, 1999, p. 65).

Com a pressa em trazer a informação em primeira mão e ainda inserido no aspecto convergente entre mídias sociais e tradicionais, os meios de comunicação fogem dos padrões éticos ao abordar com mais detalhes e informações dos casos de suicídio. Por isso, aponta-se que a mídia está entre os fatores de risco para o comportamento suicida. A questão é que a liberdade de imprensa possui um alto grau de vulnerabilidade acerca do tema suicídio. Segundo o Código de Ética do Jornalista Brasileiro.

DAS SOLUÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS

O suicídio é um grave problema de saúde pública, principalmente no estado do Amapá, e sua prevenção e controle, embora possível, envolve uma série de atividades essenciais para o sucesso dos programas de prevenção, que vão desde a melhoria das condições de educação e crescimento das crianças e adolescentes, passando pelo tratamento eficaz de perturbações mentais, pelo controle ambiental de fatores de risco e pela apropriada disseminação da informação destinada a conscientização.

Pensando nesse aspecto, em abril de 2019, o Ministério Público do Amapá promoveu a primeira Conversa com Imprensa para abordar o assunto suicídio e de que forma está sendo veiculado nas mídias de imprensa do Estado do Amapá. Na reunião membros da imprensa, psicólogos, pedagogos, parentes enlutados e profissionais da saúde estiveram presentes para dialogar à respeito do assunto.

Desse encontro, o órgão ministerial expediu recomendação Nº 0000002/2019-PJDS/MACAPÁ, assinada pelos promotores de Justiça Manoel Felipe Menezes da Silva Junior, Fábila Nilci Santana de Souza e André Luiz Dias de Araújo aos jornalistas orientando-os a como proceder na confecção de matérias. Entre as medidas estão: não fornecer detalhes do ocorrido; a não veiculação de fotos; evitar teorizar as causas ou buscar culpados; sem enaltecer “ato heroico, “só tinha essa opção, coragem, a solução.

Além disso, a recomendação ainda instrui não indicar o local onde o fato aconteceu não repetir reportagem e nem realizar novas matérias sobre o caso; não dar destaque; evitar manchetes, chamadas e primeira página. Por fim, o documento pede que a abordagem adequada do assunto seja garantida para salvar mais vidas e enaltece que “(...) a prestação de informações corretas à sociedade civil sobre o tema é uma das possibilidades de ajuda-los a identificar pessoas em risco e prevenir o ato suicida” (MINISTÉRIO PÚBLICO, p. 5. 2019).

O fato é que estamos tão focados na informação detalhada e em primeira mão que esquecemos que há vítimas, familiares e sobretudo sentimentos nesse jogo de espetáculo. E para o mundo das hard News, como dito anteriormente, todos os jornais batalham diariamente para veicular a notícia em primeira mão. Por isso, Kucinski (2004) traz o a atual vivencia do jornalismo brasileiro.

O jornalismo brasileiro vive hoje uma crise ética muito especial. Mais do que a incidência de desvios éticos pontuais, a característica dessa crise é o *vazio ético*. Nas redações, deu-se uma rendição generalizada aos ditames mercantilistas ou ideológicos dos proprietários dos meios de informação. A liberdade de informar e o direito de ser informado, canonizados na Declaração Universal dos Direitos do Homem e erigidos em ideologia dos códigos de ética jornalística nos mais diversos países, tornaram-se letra morta. (KUCINSKI, 2004, pág. 17).

Em 2016, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), reunindo esforços junto à OMS, lançou o manual “Comportamento suicida: conhecer para prevenir”, direcionado para profissionais da imprensa, o qual discorre sobre a relação entre o suicídio e a mídia, orientando as possíveis formas de noticiar questões relacionadas ao suicídio apresentando a prevenção e a pósvenção.

Explica SHNEIDMAN (1973) que a pósvenção é qualquer ato apropriado e de ajuda que aconteça após o suicídio com o objetivo de auxiliar os sobreviventes a viver mais, com mais produtividade e menos estresse que eles viveriam se não houvesse esse auxílio. Enquanto a prevenção é um conjunto de medidas adiantadas de algo que ajuda a prevenir um mal por antecipação. No jornalismo, seria o dever do jornalista enquanto detentor da informação disponibilizar no site ou matéria, os órgãos responsáveis por fazer o acolhimento da família da vítima e dos jovens sobreviventes.

NUNES (2018), reafirma que o conhecimento dos fatores de risco pode ajudar os profissionais de saúde a identificarem grupos nos quais os comportamentos suicidas poderão ocorrer com maior frequência. Por isso é essencial que apesar de haver matéria sobre o suicídio, o jornalista precisa trazer as formas de prevenção e pósvenção, luars onde o leitor possa buscar ajuda e orientações básicas para salvar mais uma vida.

O QUE DIZ A LEI?

O Código de Ética do Jornalista Brasileiro (2007) é a base do direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação. Com isso ele assegura nos artigos 6º, 7º, 11 e 12 os direitos e deveres principais do jornalista para com a sociedade e a transmissão de informações:

Art. 6º É dever do jornalista:

VI - não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha;

VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão;

Art. 7º O jornalista não pode:

II - submeter-se a diretrizes contrárias à precisa apuração dos acontecimentos e à correta divulgação da informação;

Art.11. O jornalista não pode divulgar informações:

II - de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes;

Art. 12. O jornalista deve:

II - buscar provas que fundamentam as informações de interesse público;

III - tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar (...). (FENAJE, 2019)

Como bem exemplifica a lei, o jornalista tem o direito de informar, mas também tem o dever de veicular a informação com responsabilidade, sem por em risco a integridade das fontes, assim como, tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações divulgadas, para assegurar que vítimas e familiares tenham paz e tranquilidade na hora do luto. Segundo Cornu (1998), “O exercício da liberdade de informação implica, (...) A imprensa é totalmente livre e não pode sofrer restrições sob a forma de censura” (CORNU 1998, p. 46), entretanto, cabe ao jornalista o bom senso de avaliar o que é de fato de interesse público e de interesse do público.

Além disso, o jornalista deve avaliar e aplicar os critérios de noticiabilidade juntos do código de ética, levando em conta o valor-notícia, onde se analisa os fatos e suas características, e não tentar deixar ser analisado pela seleção de notícias que hierarquiza a informação.

É necessário lembrar que os critérios de noticiabilidade também tenham o objetivo de tornar a informação um objeto de construção humanitária, onde uma boa informação, educa o receptor de forma indireta, tendo em vista que o jornalismo não tem a ação de educar, mas sim de informar.

CONCLUSÃO

O presente artigo buscou analisar a influência e cadeia midiática que se desenvolve a partir de matérias com assuntos sobre suicídio. Ao tratar do tema, buscamos realizar um estudo de caso em cima das notícias “Homem mata ex-esposa e comete suicídio” e “Um salto para a morte”, enfatizando os principais fatores de risco ao noticiar detalhes dos atos, veiculados pelo site SelesNafes.com.

Nesta pesquisa, compreendemos que o site SelesNafes.com, quanto às matérias aqui analisadas, não seguiu os critérios de noticiabilidade, a legislação perante o código de Jornalista Brasileiro, e muito menos a cartilha desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde e suas orientações. Tendo em vista que noticiar matérias sobre suicídio de forma indevida, em um estado com a maior taxa de índice de suicídios quanto a nível nacional, pode desencadear o aumento dessas mortes através de gatilhos presente nos textos e imagens.

Por isso esse estudo tem como objetivo alertar os acadêmicos e profissionais de comunicação em como desenvolver uma matéria com responsabilidade e altruísmo e não deixando que a matéria vire um espetáculo superficial para atender a curiosidade do público, segundo Baudrillard(1996).

Com essa pesquisa, podemos averiguar a real situação e o porquê o tema vem acompanhado de um alerta epidemiológico das condições do estado do Amapá em acolher e disseminar as precauções à toda a sociedade. Cabe questionar ainda em próximos estudos e investigar o porquê homens são maioria dentre as vítimas de suicídio, além de entender porque o público tem a necessidade de saber detalhes ínfimos sobre como aconteceu o atentado da

vítima. Buscar entender também o que leva o jornalista a averiguar a real situação do fato.

Este é um alerta à toda sociedade para que cuide e respeite o próximo para assumir as responsabilidades éticas e morais que estamos construindo frente à um assunto tão polêmico e sensível.

REFERÊNCIAS

- AMAPÁ (Estado). Ministério Público do Amapá. Recomendação nº 0000002/2019-PJDS/MACAPÁ. 2019. Disponível em: [http://www.mpap.mp.br/images/RECOMENDA%C3%87AO_0000002-2019-PJDS-MCP - NF 3070-89 - CASOS DE SUICIDIOS E A IMPRENSA.pdf](http://www.mpap.mp.br/images/RECOMENDA%C3%87AO_0000002-2019-PJDS-MCP_-_NF_3070-89_-_CASOS_DE_SUICIDIOS_E_A_IMPrensa.pdf) . Acesso em 16 de maio de 2019.
- BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Loyola, 1996.
- BOTEGA, N.J. WERLANG, B.G. *Comportamento suicida*. Porto. Alegre: Artmed, 2004.
- CORNU, Daniel. *Ética da informação*. São Paulo: EDUSC, 1998.
- DURKHEIM, Émile. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: M. Fontes, 1977.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DE JORNALISMO. *Código de ética dos jornalistas brasileiros*. Vitória, 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04_codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em 15 de maio de 2019.
- GRADO, Carolina Pompeo. *O suicídio na pauta jornalística*. Florianópolis, 2010. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/> Acesso em 26 de abril de 2019.
- KUCINSKI , Bernardo. *Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética*. São Paulo: Unesp, 2004.
- NUNES, Luana Izabel da Silva. *Mídia e suicídio: prevenção e posvenção na era digital*. Macapá, 2018.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia*. Genebra, 2000. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_medi_a_port.pdf Acesso em 15 de abril de 2019.
- SACHSIDA , Paulo R. A. Loureiro; Tito Belchior Moreira; Adolfo. *Os efeitos da mídia sobre o suicídio: uma análise empírica para os estados brasileiros*. Rio de Janeiro: Ipea, 2013.
- Shneidman, E. (1973). *Deaths of Man*. New York: Quadrangle.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.